

# CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Porto, Casa da Música, 29-31 de Outubro de 2007

## ***A educação artística como arte de educar os sentidos***

Yolanda Espiña

(Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa)

1. Existe um sentido de *educar*, desde a Antiguidade mais remota, que consiste em ensinar a olhar. No seu livro *A República*, e no contexto da famosa alegoria da caverna (alegoria sobre a condição humana quando abandonada a si própria), Platão comenta, antes de mais, o que a educação *não* é: “A educação (518b<sup>1</sup>) não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que introduzem a ciência numa alma em que ela não existe, como si introduzissem a vista em olhos cegos”. Mas Platão faz logo a seguinte precisão: “A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser.” (ibid.). Vemos aqui já o postulado de uma capacidade do homem que consiste em *olhar*; uma capacidade, no entanto, que envolve a necessidade de encarar a multiplicidade sensível do entorno (“as coisas que se alteram”) da maneira adequada, sob o risco de nunca atingir aquilo para o que está destinada (que é olhar no seu sentido transitivo), e, portanto, ficar na cegueira efectiva (o olho não perde a faculdade de olhar, mas não consegue ver nada porque está nas

---

<sup>1</sup> Platão, *A República*. Introd., trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

trevas<sup>2</sup>). Continua Platão: “A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correcta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso” (518d). Fala aqui Platão agora de essa capacidade de olhar não já como mera capacidade, mas como uma capacidade que, na sua própria existência no homem, é já um *desejo* (isto é: si o homem não tivera olhos, não teria o desejo de ver). O que, como todo desejo, implica a dialéctica de algo que já de alguma maneira se conhece, mas que ainda não é possuído. E, neste maravilhoso texto fundante, diz porfim que “a educação seria a arte desse desejo” (chamo a atenção para o facto que Platão não diz: “a arte de orientar esse desejo”, mas “a arte deste desejo”). Que significa isto? Aqui temos que fazer mais uma incursão etimológica para perceber o que ele está a dizer com o termo *arte*. “Arte” é para Platão -e para todo o universo grego- toda *techné*, isto é, tudo aquilo que é acção e produto da transformação do mundo realizada pelo homem, a través do seu conhecimento aprofundado da natureza das coisas. Arte é, portanto, um *fazer*, ao que precede –mas também prossegue- um *saber*. arte é fazer, e saber fazer. Como pode então a educação ser a arte desse desejo?

2. É evidente que para o educador o primeiro passo deverá ser então perceber ele próprio a natureza desse desejo. Portanto, a educação está ligada de modo inerente ao conhecimento da condição humana na sua natureza -passe a palavra- “desejante”. Todavia, esse desejo encontra-se, antes de mais, já nos próprios olhos, e, portanto, nos próprios sentidos do homem, na sua própria mediação primaria e imediata com a exterioridade. A “arte desse desejo” começa, portanto, pelos sentidos, e a compreensão do que os sentidos significam no desenvolvimento do homem. Mas isto é só o início. Platão reitera o carácter da arte desse desejo, definindo de facto o que é a própria arte: “a maneira mais fácil e eficaz de (fazer dar a volta a esse órgão)”. Portanto, a arte de educar consistirá em tornar fácil o desejo que a própria presença do olhar manifesta, apontando à simultaneamente à eficácia do modo de consegui-lo.

---

<sup>2</sup> E, não de modo secundário, fica aqui postulada também a necessária transitividade do acto de conhecer: conhecemos, sempre, *algo*.

Isso implica sempre uma teorização dos estados imediatos, uma procura da unidade na aparência, uma inquirição sobre os métodos que asseguram uma resposta teórica aos desafios de uma realidade em permanente cambio. E essa eficácia tem a ver com a capacidade do educador de ajudar ao educando não a olhar, mas a olhar na direcção na qual o olho possa encontrar um lugar para o desejo. Voltando ao texto de Platão, encontramos numa frase anterior já o fio que vai ligar-nos ao tema específico desta conferência. Com efeito, Platão, falando da “existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende”, continua: “como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser” (o que esse Ser seja, é outra discussão). O que me interessa sublinhar aqui é, precisamente, a afirmação da unidade e a correspondência entre o facto de *não ser possível voltar o olho sozinho sem o corpo*, do mesmo modo que o corpo todo (com o olho) deve acompanhar a alma toda até a contemplação do Ser. Há muitas maneiras de abordar esta complexa e belíssima questão, mas com certeza define já a importância dos sentidos no caminho para o conhecimento<sup>3</sup>. Esta importância tem a ver, em primeiro lugar, com a natureza aberta do próprio desejo, ao mesmo tempo que com o valor cognoscitivo da nossa correcta relação com os nossos sentidos. O primeiro tem a ver com o conceito de *criatividade* e *novidade*; o segundo, com o significado cognoscitivo do *estético*. Ambos aspectos são fundamentais para perceber o sentido de uma educação artística.

3. Vou começar pelo segundo, isto é, o significado do *estético*. Este termo procede do grego *aiesthesis*, que significava exactamente “percepção sensível, percepção pelos sentidos”. Agora, perceber significa *perceber formas*, formas que procedem antes de mais, com efeito, do exterior. O complexo processo da percepção implica a organização da multiplicidade das sensações suministradas pelos diversos sentidos, nessa totalidade que chamamos de *formas*. Todavia, perceber algo como forma implica imediatamente perceber

---

<sup>3</sup> Aristóteles (*Metafísica*, I, 1), como bom discípulo e comentador de Platão, não podia passar isto por alto, quando fala de que todo conhecimento começa pelos sentidos.

algo dentro de uns limites precisos (quer sejam estes espaço/temporais, quer sejam internos, mentais; por exemplo, uma argumentação matemática é um determinado tipo de forma). Interessante aqui é o carácter unitário que apresenta a forma. Com efeito, a forma se apresenta como *unidade*: na complexidade das suas partes, a forma é, antes do que qualquer outra coisa, unidade. E perceber a unidade nas partes implica uma certa *imobilidade*. Por isso é possível afirmar que a percepção de formas implica o aspecto que podemos chamar de *contemplativo* da percepção: percebemos a unidade antes do que as partes. Isto é assim já no processo natural de percepção do dado, que implica que percebamos a natureza assim, e não de outra maneira. Ao mesmo tempo, a noção mesma de forma implica a presença de uma discontinuidade (com efeito, entre uma forma e outra forma existe um salto).

Podemos já falar agora, então, do significado do estético dentro da arte. Toda arte apresenta em si mesma um carácter *teórico* em relação à natureza ou material exterior. Isto é: a arte *deconstrói* o material dado em forma perceptiva pela natureza, numa deconstrução plena de actividade racional (que não necessariamente discursiva), e reorganiza as suas relações estruturais, voltando-o novamente (por assim dizer) ao exterior. Isto é: na construção artística, o criador reorganiza sob uma forma nova as relações estruturais de um material determinado. Assim, as partes se reencontram sob um novo conceito de unidade. Mas o critério estético/ contemplativo continua a ser o mesmo: percebemos a unidade da forma antes do que as partes. Agora, qual é o critério para o reconhecimento desta unidade? Em primeiro lugar, a sua correcta organização perceptiva. Isto é, que esta forma re-criada seja *perceptível* (sob os critérios perceptíveis gerais do homem). Isto constitui o que podemos chamar de dimensão *natural* da forma artística. Em segundo lugar, e consequentemente, que seja percebida na sua *unidade*. Isto constitui a dimensão propriamente *estética*. As características desta unidade têm a ver com que seja *sentida, experimentada* como tal unidade. Agora, a experiência de tal unidade de carácter estético só pode ser mediada pelo concurso de um elemento de carácter *simbólico*. Portanto, perceber esteticamente a unidade de uma forma artística implica o suposto intangível de uma categoria, e a partir de aí entram em jogo elementos propriamente extra-artísticos, indispensáveis para

a compreensão da arte, mas que se situam fora da minha pretensão com esta comunicação.

4.A característica de *deconstrução* que caracteriza a produção artística tem a ver, pela sua vez, com o primeiro aspecto mencionado: isto é, o carácter aberto do desejo, e o espaço próprio para a criatividade no campo da materialidade artística. Criatividade e novidade parecem no campo da arte encontrar, com efeito, o seu lugar próprio. E o encontram, com certeza, quando o discurso é sobre o encontro entre a matéria e o homem. Na prática artística se actualiza na matéria o eterno desejo do olho pelo *brillo* do Ser -que falava Platão no texto mencionado. Mas também aqui o olho deve ser orientado na direcção correcta, dando os meios, de modo fácil e eficaz, para que esse encontro se realice. Impulsar assim a criatividade e fomentar deste modo as capacidades artísticas deverá significar, na minha opinião, ir ao encontro da *originalidade* no material mesmo. E aí fazer surgir um novo modo de encontro, caracterizado tanto pela essa sua novidade, como pela capacidade que tenha de ser percebido na sua unidade intrínseca, e conseqüentemente, pela sua capacidade de servir para todos.

A educação artística é, portanto, mais do que um *plus* dentro de uma boa educação em geral, ou mais do que uma etapa (até necessária) num programa integral de educação. É a educação de um aspecto indissociável da própria constituição perceptiva e cognitiva do homem, que educa para o reconhecimento dos padrões – existentes ou por existir- que determinam o nosso encontro com a natureza material do mundo, e para a conseqüente adjudicação de significações simbólicas de carácter aberto que fazem que o mundo se enriqueça e que, portanto, seja plenamente humano. Si educar é mais um processo que um objectivo, é à educação que chamamos de “artística” que compete potenciar as capacidades dos sentidos nesse processo de inovar a mirada, numa perspectiva de integrar a identidade do educando no dinamismo da percepção sensível da realidade envolvente, e fornecendo critérios para interpretar simbólicamente a tal realidade envolvente. Neste contexto, a educação artística tem o dever de aprofundar o significado que a educação dos sentidos apresenta na constituição do ser humano integral,

estando ao seu cargo a educação do *olhar* e do *ouvir*, do *tacto* (fundamental, por exemplo, na escultura) o dos restantes sentidos, para que todos eles, adiestrados pelo conhecimento das leis do material da natureza e pelas suas potencialidades simbólicas, sirvam para confirmar sensivelmente que o desejo do homem não é em vão.